

PARA PALADARES BRANCOS: IDENTIDADES, RESISTÊNCIAS E REEXISTÊNCIAS NAS PRÁTICAS ALIMENTARES DA COMUNIDADE NEGRA DO BAIRRO DO BIXIGA (APOIO UNIP)

Alunos: Allen M. Hernández De Moya El Hage e Julia Brito Mendes

Orientador: Prof. Dr. João Marcelo Flores de Bras

Curso: Nutrição

Campus: Vergueiro

Este estudo objetivou discutir a importância da comida como elemento materializador das identidades, resistências e (re)existências culturais da comunidade negra do território denominado Bixiga, na Bela Vista, bairro da região central de São Paulo. O território tem características híbridas, heterogêneas, multiétnicas e é rico em diversidade, mas mantém divisões fundamentadas nas desigualdades, sobretudo porque, apesar da sua interculturalidade, é difundido e reconhecido por sua “italianidade”, dando-se pouco ou quase nenhum destaque à culinária ou às ancestralidades das diversas outras etnias que o compõem (entre elas a afro-brasileira). Adotando-se a proposta metodológica de observação com inspiração etnográfica, foi realizado trabalho de campo iniciado com a participação em vivências que inseriam as pesquisadoras nas festividades e eventos e que se relacionavam com a temática do trabalho. Em um segundo momento, com aprovação de comitê de ética em pesquisa, foram realizadas entrevistas a moradores, transeuntes e comerciantes do território, oportunidade em que foram coletados dados qualitativos de forma oral, o que permitiu, ao fim do trabalho, transpor ao papel relatos e histórias relevantes e sensíveis, bem como a produção de um mapa simplificado, com inspiração em cartografias afetivas. Como conclusão, registrou-se que a migração forçada de povos da África ao Brasil exigiu deles uma reconstrução de identidades e o seu reagrupamento nos novos territórios, o que acabou se manifestando nos comportamentos, na musicalidade, na religiosidade, nas festividades, nas tradições e nas práticas alimentares, bem como considerou-se que as supressões estruturais a que esses povos foram submetidos resultou em

uma resistência orgânica de suas comunidades, que passaram a resistir e (re)existir nas frestas, nos espaços descontínuos, no entre, na informalidade, na precariedade, mas sempre na busca de preservar sua cultura e sua ancestralidade, seus saberes e seus sabores, ainda que dentro dos limites aos quais foram confinados.